

Editorial

Apresentamos aos leitores a *Educar em Revista* n. 32, número que está organizado em quatro partes: Dossiê temático; artigos de demanda contínua; resenha; resumos de teses/dissertações. O Dossiê que vem a público, organizado pelo Prof. Dr. Ricardo Antunes de Sá, oferece uma coletânea de artigos sobre *Complexidade e Educação*. Consideraremos oportuna a tematização de um conjunto de constructos teórico-metodológicos que postulam a compreensão dos fenômenos, tanto os “naturais” quanto os humanos e sociais, questionando a busca de relações de causa-efeito lineares e postulando relações múltiplas de fatores intervenientes, relações de causa e efeito não lineares, relações assíncronas, enfim re-affirmando a complexidade dos fenômenos humanos, sociais e educacionais. Tal complexidade se relaciona, conforme nosso ponto de vista, com a diversidade de abordagens teórico-conceituais presentes nas Ciências Humanas e nas Ciências da Educação. A *Educar em Revista* apresentou, ao longo de sua trajetória, um exemplo da complexidade-diversidade na compreensão dos fenômenos educacionais, expressa na diversidade temática (para além de recortes disciplinares) e teórico-metodológica.

Além disso, a abrangência nacional, com contribuições de pesquisadores das diversas regiões do país e de uma multiplicidade de instituições brasileiras de pesquisa, pós-graduação e ensino, cada vez mais convive com a contribuição de pesquisadores de outros países, num saudável processo de internacionalização que amplia a capacidade da *Educar* de contribuir para a divulgação da produção científica nas Ciências da Educação. Ou seja, em mais um ponto a revista se direciona para a ampliação da diversidade.

Os artigos de demanda contínua desse número são reveladores dessa diversidade. O primeiro deles é “Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças”, de Fernanda Müller (UNIFESP). O título diz muito sobre o artigo: o foco é a socialização da infância, numa perspectiva ancorada em estudos contemporâneos da Sociologia da Infância que buscam incorporar o ponto de vista das crianças, um “estudo sobre e com as crianças” nas palavras da autora. Metodologicamente o estudo é inovador, trabalhando com fotografias realizadas pelas crianças, seguidas de “conversações”. São examinados três diferentes temas, explicitados já no título: transições de série, aprendizagem na escola e relações de amizade expressas no recreio. A conclusão da autora é que:

[...] ainda que a escola ainda trabalhe com uma idéia vertical de socialização, as crianças mostram que este processo é muito mais complexo. Mais do

que o entendimento da sua condição social de aluno na escola, as crianças buscam diferentes caminhos para interagir com pares e transformar este espaço-lugar planejado para elas pelos adultos.

O artigo seguinte é intitulado “Políticas de línguas e educação escolar indígena no Brasil”, de autoria de Rodrigo Bastos Cunha (IEL-UNICAMP). A análise sobre as políticas lingüísticas no Brasil assinala avanços relativos nos anos recentes, relacionados com as normativas estabelecidas pela Constituição Federal em 1988 e particularmente pela aprovação da LDB em 1996, que

[...] estipula que a União deve desenvolver programas de ensino e pesquisa para oferecer educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas, com o objetivo de proporcionar a eles a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e conhecimentos tradicionais.

A análise argumenta que as lideranças indígenas “são os principais atores políticos das ações envolvendo o seu povo, seja em relação à língua, ao ensino ou a qualquer outro direito coletivo”. As políticas de língua como o ensino bilíngüe em escolas indígenas, o financiamento a pesquisas para documentação de línguas em extinção, a revitalização de línguas ou de variedades de línguas e investimento governamental em material didático específico para a educação indígena encontram realidades locais bastantes dispares. As políticas de língua avançaram em relação a uma perspectiva exclusivamente monolítica e assimilacionista, mas apesar dos avanços relativos, “é possível dizer é que talvez não haja, no Brasil, um Modelo de Enriquecimento Lingüístico que garanta que a língua indígena seja a língua de instrução ao longo de todo o processo de escolarização”.

O próximo artigo é “Auto-conceito clínico dos professores: principais factores usando modelos de Análise de Dados Multivariada”, dos professores Vitor Franco (Universidade de Évora - Portugal) e Helena Bacelar-Nicolau (Universidade de Lisboa - Portugal). Os autores trabalham com a perspectiva de que o auto-conceito é dimensão importante para a compreensão de como os professores agem profissionalmente e como organizam sua relação e comunicação com os alunos. Realizaram pesquisa com inventário de auto-conceito aplicado a 281 professores de Ciências da Natureza, do terceiro ciclo do Ensino Básico, em Portugal. Os resultados foram submetidos a diferentes métodos de análise multivariada e apontam para a “influência do auto-conceito do momento que vai marcar e controlar do comportamento tanto nos seus aspectos/processos intrapessoais” (motivação, regulação de afeto) como interpessoais (percepção social, escolha de parceiros, estratégias de interação). O perfil do

auto-conceito dos professores apresentou ênfase nos aspectos de aceitação social e auto-eficácia.

Há um grupo de sujeitos cujo auto-conceito se alicerça numa visão favorável de si próprios [...]. Considerem-se preponderantemente simpáticos, agradáveis e bem aceites pelos outros [...]. Um segundo perfil de auto-conceito liga-se com a auto-eficácia, ou seja, a forma como o indivíduo avalia já não a sua relação mas a sua competência definida pela capacidade para enfrentar e resistir a contrariedades e ser persistente e coerente.

A seguir temos o artigo intitulado “Análise dos processos cognitivos e autopoietícios em um ambiente virtual de aprendizagem” de Carla Beatriz Valentini e Claudia Alquati Bisol (ambas da Universidade de Caxias do Sul). O artigo consiste na análise das interações de um aluno da disciplina “Teorias da Aprendizagem” organizada em seis encontros presenciais e 19 encontros num Ambiente Virtual de Aprendizagem. Foram selecionados indicadores do movimento cognitivo realizado pelo sujeito do estudo, na perspectiva da Teoria de Equilíbrio de Jean Piaget (expressão do ponto de vista, descentração, desequilíbrio e tomada de consciência) e na perspectiva de Biologia do Conhecimento de Maturana, com indicadores do movimento autopoietico (a concepção de organização, demanda ao outro, confrontação de perspectiva e auto-organização de si e do grupo). Considerando as interações do aluno no ambiente virtual:

É possível dizer que a presença das categorias autopoieticas e cognitivas nos seus enunciados evidencia um processo de aprendizagem sustentado pela interação com o outro e pela interação com o próprio objeto de conhecimento. Suas contribuições comprovaram um movimento de autoria e de construção de conhecimento, assumindo um papel participativo e responsável nas trocas efetuadas com os demais aprendizes.

Em “A motivação como prevenção da indisciplina” Simone Deperon Eccheli (Universidade Estadual do Norte do Paraná e Universidade Tecnológica Federal do Paraná) realiza um estudo bibliográfico sobre a relação entre os dois fatores, motivação e indisciplina. Nas palavras da autora:

É provável que a indisciplina observada nas escolas esteja diretamente relacionada à falta de motivação dos alunos diante do fato de se verem obrigados a estar numa sala de aula sem entender o porquê e para quê daquilo, considerando os conteúdos inúteis ou, mesmo que sejam úteis, não compreendendo bem para que servem.

O artigo apresenta uma discussão dos resultados de estudos de perspectiva behaviorista, analisando alguns pontos de conflito e contradições entre os estudos e principalmente informando sobre determinadas contribuições das pesquisas para a análise da relação entre motivação e indisciplina escolar. Grande parte dos resultados discutidos refere-se às formas como os professores organizam as atividades na aula e seus efeitos em termos de motivação e possíveis efeitos sobre a indisciplina escolar.

Conclui-se que o processo escolar requer que se desenvolvam simultaneamente dois traços: disciplina e motivação. [...] Tarefa complexa para o professor, que precisa ser capaz de perceber as dificuldades e necessidades dos alunos, além de constantemente refletir sobre a sua prática pedagógica e planejar atividades desafiadoras e motivadoras.

O artigo “A formação prática de professores no estágio curricular” de Helena Maria dos Santos Felício (UNIFAL) e Ronaldo Alexandre de Oliveira (UNIVAP) analisa relatórios de estágio curricular de alunos de último ano de curso de formação de professores, discutindo a construção de conhecimento pelos alunos, os impactos na formação de tais alunos como professores, a relevância da “formação prática” e da articulação entre as disciplinas para os estágios.

O último artigo é intitulado “Reflexões sobre o contexto institucional brasileiro contemporâneo e as transformações na Educação Profissional”, de Mário Jacometti (Universidade Tecnológica Federal do Paraná UTFPR – Cornélio Procópio). O artigo analisa determinadas transformações no ensino profissionalizante brasileiro, a partir de 1964, particularmente as relativas à Lei 5692/71 e à LDB 9394/96. Propõe o artigo uma análise do contexto institucional brasileiro como relacionado às mudanças e permanências na educação profissionalizante.

Finalmente, na seção resenhas, Tatiane Oliveira Zanfelici (UFSCAR) apresenta o livro de Januzzi, *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*, Campinas: Autores Associados, 2004.

Paulo Vinicius Baptista da Silva
Andréa Barbosa Gouveia
Editores